

Ações bases da corporalização/*embodiment* BMC para performance

CLÉLIA FERRAZ PEREIRA DE QUEIROZ / Lela Queiroz (artístico)

Profª Drª D.E. PPGDA – UFBA

Artista Performer, bailarina e Educadora Somática BMC

leladancai@gmail.com

Resumo: Assumindo teorias de comunicação, cognição e evolução, propomos olhar movimento em cadeias de re-significação para performance com foco nos procedimentos BMC. Movimento e Contato, cognição: primeiras. Na fronteira arte - nova ciência, corpomídia, “*embodiment*” e corpo ambiente remodelam pesquisa e investigação. Movimentos dotam a sobrevivência (Sheets Johnstone), percepção ação auto organiza (Thelen, Godard, Berthoz) e BMC revelam movimentos princípios de padrões neurais, enraizando a categorização perceptiva (Edelman). Exploração e improvisação envolvem questões diretas do desejo, e põem em jogo conflitos inter-pessoais via marcadores somáticos (Damásio) em deslocamento de re-significações no campo da atuação. Laboratórios de pesquisa iniciados com Bolsa recém doutor Capes, Pesquisa CNPQ-UFBA.

Palavras chave: dança – cognição – performance – *embodiment* – BMC

O conceito clássico de motricidade presente nos modelos computacionais de cognição aliava input à recepção e output à ação (programa motor), processos em separado para ambas as vias. A grosso modo, “os impulsos sensoriais trazem uma versão pobre do fenômeno e percorrem os nervos até o sistema nervoso central como input; no cérebro, a construção interna da representação mental deste estímulo promove o enriquecimento de seus atributos, processando-o e devolvendo-o na forma de output” (KAMP, 2000 apud QUEIROZ, 2009). Assim, aos proprioceptores resta a função de reconhecimento e identificação para controle do equilíbrio, um indicador do status da máquina.

Ou seja, enquanto a visão computacional e a visão mecanicista do corpo defenderam que à entrada de estímulos correspondem respostas motoras, tendo movimento somente entendido por suas trajetórias no final da cadeia produtiva, eliminando ou negando o papel do sensível, tais modelos, afinados ao *dualismo de propriedade*, propõem uma explicação mecânica do movimento. Renegados antes a ruídos, interpretados como impedimentos para o avanço da ciência, dentro do modelo de comprovação empírica dos fenômenos, as sensações e os sentidos passam a ser levados em conta promovendo uma enorme modificação nos estudos devotados ao corpo, e provocando um estrondo sem retorno aos velhos métodos científicos.

Superando a visão mecânica de causa-efeito e ação-reação para o tratamento de movimentos e superado o entrave das trajetórias e de suas resultantes para sua descrição e interpretação, tais modelos estritos perderam território e passam a importar como o processo se dá durante, ou mesmo ao longo de toda a evolução de um caminho de

movimento pelo corpo. Em outras palavras, foi a mudança da concepção computacional de processamento para a concepção de ciência de processos (Prigogine) que permitiu avançar.

A nova referencia espaço-tempo advinda da relatividade de Einstein minaria ainda mais categorica e irreversivelmente as concepções de tempo e espaço para a ciência e para a Dança. É o campo da ação que se vê expandida para a criação.

Parte dessa outra história começa a ser travada com as evidências de que a percepção não é isoladamente a recepção de entrada via sensorialidade, mas ela é o conjunto de atividades sensoriais e motoras com as quais o organismo constrói suas experiências. Não é somente a partir das respostas motoras que se dão ações, elas se principiam bem antes, já na percepção, não somente receptiva, produtiva. Informação que se interioriza auxiliando o organismo no reconhecimento de sua relação e a sua posição no espaço faz mais que favorecimento ou controle de equilíbrio, ou ainda indicar um status. A propriocepção reatualiza as condições em que esse corpo se encontra no espaço, informando em fluxo contínuo aspectos como eixo, pontos e campos de força postos em relação, que estruturam a percepção de apoio, suporte e mudanças do organismo no espaço tempo. Isso implica nas reacomodações de transferência e distribuição de peso no corpo que dança, por exemplo.

Se movimentos não pertencem somente a cadeia de output do organismo, aquela especializada no autodomínio e controle, se eles participam de sua organização neuronal, afirmando-se como sentido, percepção e informação, temos que movimentos fazem parte da geração das primeiras rotinas cognitivas do organismo. Movimento e Contato, cognição: primeiras. As rotinas internalizadas se manifestam na forma de movimentos mais e mais elaborados (QUEIROZ, 2009).

Para passar a entender percepção como ação, tem-se como premissa o corpo como eixo principal da cognição. Essa constitui uma diferença cabal para as abordagens nos estudos de percepção nas artes do corpo. Nessa empreita se fez também necessário verificar que o caminho sensorial e o caminho motor não constituem vias estanques e ambas compõem a percepção (THELEN, 1995). Pensando como isso se reflete ao corpo que dança, tecemos algumas considerações.

Processos intrínsecos de movimentos constituem parte da categorização perceptiva (EDELMAN, 1999). Movimentos e contato demonstram o entrelaçamento sensório-motor na auto-organização do organismo em ação na cognição, descritos pelo BMC body mind centering (COHEN, 1993).

A propriocepção e a cinestesia constituem informação que se interioriza auxiliando o organismo no reconhecimento de sua relação e a sua posição no espaço; fazem mais que favorecimento de equilíbrio, ou indicar um status. Assim, os proprioceptores são encarregados da informação que vem de fora, bem como de dentro, em continuum on

line e em tempo real auxiliando o organismo em relação a sua posição no espaço, reatualizando dinamicamente.

Repropomos um olhar sobre movimento como “formas de comunicação dinamicamente constituídas (Baeyer, Sebeok, Greiner, Katz) como conhecimento disponível (base cognitiva) para o sistema corpo-ambiente, e com um papel crucial nos processos de comunicação social” (Queiroz, 2009).

De acordo com a criadora do BMC, Body Mind Centering, Bonnie Bainbridge Cohen, movimentos organizam os padrões neurológicos basais - BNPs, dos quais participam os reflexos e princípios de movimentos filogenéticos (herdados das outras espécies) e com eles dão seguimento a padrões de desenvolvimento de movimento que dão sequência a geração de padrões de comportamento: toda a gama vem entremeada por transições ocorridas pelos sentidos, guiados sobremaneira pelo sentido cinestésico. Movimentos participam assim da formação da cadeia de resignificação no organismo. Em seu livro “A primazia de movimentos- Primacy of movement” Maxine Sheets Johnstone (1998), filósofa cognitiva, conta como, evolutivamente, movimentos participam da sobrevivência do organismo no meio. A partir da questão da propriocepção e do sentido cinestésico, ela mostra, em seu artigo “Uma História Natural”/“A natural history”, que alguns organismos, desde os mais primevos, ao enfrentarem adversidades no meio, encontram soluções para superar obstáculos via tato e circulação no ambiente. Ou seja, são os movimentos de deslizar, empurrar, desviar, girar e saltar que nos contam como são os corpos e contam o que eles fazem no meio em que vivem. São, ao mesmo tempo, propositores e receptivos, nos meandros da co-emergência” (QUEIROZ, 2009).

Descobertas recentes em estudos das ciências cognitivas sobre o complexo cérebro-corpo-ambiente (DAMÁSIO, EDELMAN, LLINAS, THOMPSON) foram fundamentais para novas investigações a cerca do corpo. Um dos seus diferenciais de abordagem nos estudos de percepção passa pela consideração do corpo como eixo principal da cognição e de passar a entender percepção como ação (GIBSON, THELEN).

O corpo passou a ser incluído na organização e construção das primeiras inferências (LAKOFF & JOHNSON) através de suas relações e direções espaciais. Então, trama-se a construção metafórica da realidade, das metáforas de domínio-fonte, em ordens mais complexas de consciência, para as metáforas de domínio-alvo, segundo os autores.

Partindo-se dessa premissa, processos intrínsecos de movimentos e contato confabulam em rede as primeiras rotinas cognitivas para o organismo, com as quais confabulará as demais. Por exemplo, em BMC, os BNPs se integram em padrões de desenvolvimento de movimentos, como os de empurrar e pegar, empurrar e largar, que se desdobram e se complexificam em ações mais e mais integradas. Estamos no campo das metáforas cruzadas. Ambas as ações, são inteligência duas que se manifestam, se adaptam

e se modulam. Elas já envolvem *ao pegar*, o desejo de posse, e, ao largar, desistência ou recusa, dependendo fortemente do ambiente e da rotina cognitiva desse movimento em que faz parte, inseparavelmente (LEWONTIN, RIDLEY). Assim, pegar e largar partem de contextos mais conflados (LAKOFF & J OHNSON) e menos indiferenciados para uma diferenciação contextual maior (THELEN). Então, o desejo de pegar e recusar largar, gera um conflito interpessoal ao mesmo tempo que emprega um tipo de força, constitui uma forma, tensão e duração espaço-tempo. Em dança, cria-se um novo espaço para a constituição de ações tendo o movimento em cadeias de re-significação para performance.

Movimentos dotam a sobrevivência (JOHNSTONE), percepção ação auto organiza (THELEN) e nela, as emoções comportam dispositivos perceptivos (GODARD, BERTHOZ) e BMC revelam movimentos princípios de padrões neurais, enraizando a categorização perceptiva (EDELMAN).

Exploração e improvisação envolvem questões diretas do desejo, e põem em jogo conflitos inter-pessoais via marcadores somáticos (Damásio) em deslocamento de re-significações no campo da atuação.

Quando falamos em marcadores somáticos, estamos em geral tratando de operadores que indicam uma coletânea de preferências que se tornam referências para mais experiências, e isso muda o embate de sobrevivência de cada organismo no ambiente em que restam como marcas e norteiam processos de decisão futuros (Berthoz). Os marcadores somáticos são um engate para o organismo entre seu passado e futuro próximo, encadeando suas ações, um marcador somático é um operador que potencializa a capacidade de previsão do organismo, segundo o neurologista Antônio Damásio.

Na formação de dança pós moderna, componentes da física como noções de eixo gravitacional, peso, apoio, vetores de forças, fatores do tempo espaço e fluência, qualidades, volume e tensão, passaram a compor seu foco. Na realidade, o fazer da Dança deixou de lado a construção por códigos, e passou à sua desconstrução, passando a investigar as construções no corpo.

Nota-se um deslocamento do eixo central da dança para questões do corpo povoando os interesses de criação. Cada vez mais importa como o corpo produz conhecimento em tempo real. Estamos pisando em campos híbridos da Dança contemporânea, como a performance.

A Dança, em um diálogo arte-ciência tem tocado na questão corpo mente, do que um corpo pode, de como ele corporaliza as informações, do dentro-fora, de corpo-ambiente, de natureza-cultura, oferecendo novos insights sobre essas relações para estudos. Laboratórios de pesquisa iniciados com Bolsa recém doutor Capes, GP Labzat CNPQ-UFBA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAEYER, Hans. Information: the new language of science. Harvard University Press , 2005.
- BERTHOZ, Alain La Décision – “Emotion et decision” ch 2. Pg 43 a 77 Paris: Odile Jacob, 2003.
- COHEN, Bainbridge B. Sensing, Feeling and Action. Mass: Contact Editions. ISBN 0-937645-03-6, 1993.
- DAMÁSIO, Antonio R. The Mind-Brain Continuum - Sensory Processes, Making Images and Creating Subjectivity. Cp 2, pg 19-27. London\England\Cambridge\Massachusetts: A Bradford Book the MIT Press, 1996.
- DAMÁSIO, Antonio R. The feeling of what happens. London: Ed. Harcourt Brace & Company, 1999.
- DENNET, Daniel C. Consciousness Explained. Boston: Hamondsworth Penguin Press, 1991.
- DENNET, Daniel C. Tipos de Mentis. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- EDELMAN, Gerald M. Bright Air, Brilliant Fire - On the Matter of the Mind Memory and the Individual Soul: Against Silly Reductionism pg 165 – 187 New York: Basic Books, 1992.
- EDELMAN, Gerald M. & TOTONI, Giulio. A Universe of Consciousness - How matter becomes Imagination. London: Basic Books, 2000.
- GIBSON, Eleanor. Perceiving the affordances. New Jersey: Lawrence Erlbaum Assoc Inc., 2001.
- GIBSON, Eleanor. An Ecological Approach to Perceptual Learning and Development. Oxford: University Press, 2003.
- GREENO, James G. Gibson's Affordances Psychological Review vol. 101 # 2 pg 336-342, 1994.
- GREINER, Christine & KATZ Helena. Corpo e Processos de Comunicação. Fronteiras/estudos Midiáticos. São Paulo: Unisinos, 2001.
- KATZ, Helena & GREINER, Christine. A Natureza Cultural do Corpo. (Col. Lições de Dança n. 3). Rio de Janeiro: UniverCidade, 2001.
- KATZ, Helena. Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo. BH: FID Editorial, 2005.
- JOHNSTONE, Maxine S. The Roots of Power. Chicago: Open Court, 1994.
- JOHNSTONE, Maxine S. A Natural history. Journal of Consciousness Studies v.5 n.3 London: Inprint UK, 1998.
- JOHNSTONE, Maxine S. In the incorporated Self (M. O'Donovan-Anderson) - Darwinian Bodies - Against Institutionalized Metaphysical Dualism. Lanham\Boulder\New York\London: Rowman & Littlefield Publisher, Inc. 1996
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Philosophy in the flesh. New York: Basic Book, 1999.

LEWONTIN, Richard C. A tripla hélice - Gene, organismo e ambiente. Organismo e ambiente cp 2 pg 46 - 74 . São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LLINÁS, Rodolfo R. I of the Vortex - From Neurons to Self. PRIGOGINE, Ilya. 1984 *A nova Aliança-Metamorfose da ciência*. Brasília Ed. UnB.

QUEIROZ, Clélia. “ *corpo mente percepção : MOVIMENTO E BMC na Dança*. São Paulo: Ed. Annablume 2009.

QUEIROZ, C. “A não Execução” . Revista Concinnitas Instituto de Artes UERJ. Rio de Janeiro: Ed s Cabo dourado, 2009.

QUEIROZ, C. “A subjetividade Revisitada” . Simpósio Corpo & Subjetividade SENAC, SP. Congresso Mundial de Dança CID/ ONU Grécia. <http://www.idanca.net> e Movimento Dança Recife. 2005.

QUEIROZ, Clélia. Processos de corporalização nas práticas somáticas BMC. V. 1, p. 167-176. Col. Húmus. Caxias do Sul: Lithograf. 2004.

RIDLEY, Matt. Nature via Nurture - Genes, experience and what makes us human. London: Fourth Estate, 2003.

SEBEEK, Thomas A. Comunicação na Era Pós-Moderna. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

THOMPSON, Evan. The Mindful Body - Embodiment and Cognitive Science Lanham\Boulder\New York\London: Rowman & Littlefield Publisher Inc. , 1996,

THELEN, Esther, A Dynamic Systems approach to the development of Cognition and Action Massachussetts:MITPress.1998.

THELEN, Esther. Time-Scale Dynamics and the Development of an Embodied Cognition Robert F. Port, Timothy Van Gelder Mind as Motion - Explorations in the Dynamics of Cognition, p. 69-100 London\England\Cambridge\Massachussetts: A Bradford Book /The Mit Press. 1995.

THELEN, Esther; SCHONER, Gregory. Using Dynamic Field Theory to Rethink Infant Habituation. 2001. <http://lib.bioinfo.pl/pmid:1663762> & Psychological Review. <http://www.cs.indiana.edu/> Acesso em nov. 2003.
